

A PENÚRIA DA CRÍTICA (*)

O livro *O Nihilista Machado de Assis* é um esboço de análise crítica ideológica, simples ensaio sobre a vida e a obra do célebre escritor brasileiro. Foi pensado e escrito em condições penosas. O autor acaba de suportar uma vida de proscrição dentro da própria Pátria, durante dez longos anos.

Esse livro assinala toda uma série de lados positivos reais da vida e da obra de Machado de Assis. Sua obra é uma fonte para o estudo do nosso belo idioma. Ele tinha algo dos clássicos: a medida, o polimento da frase. Adotou um estilo simples, conciso. Aprendeu com os clássicos a escrever com proporção e equilíbrio, correção e simplicidade. Foi um esteta, fantasista e ficcionista. Estas e outras qualidades são acentuadas no livro, como se vê às páginas 13-17.

Certos adversários dizem que o livro despreza a velha cultura. Pelo contrário! Fala com admiração sobre os escritores brasileiros: Castro Alves e Euclides da Cunha, Tobias Barreto e Sílvio Romero, Alencar e Gonçalves Dias. Fala também com admiração sobre os escritores estrangeiros: Camões e Cervantes, Goethe e Shakespeare, Górkí e Tolstói. Onde está, então, o pretenso "desprêzo pela velha cultura"? É um "argumento" de adversários que não têm argumentos!

O Sr. Magalhães Júnior é um homem infatigável e um especialista em Machado de Assis. Em tais condições, seria de esperar que fizesse uma profunda análise crítica da vida, da obra e da época de Machado de Assis, auxiliasse a intelec-

* O presente artigo é a resposta a três críticas dos srs. Magalhães Júnior, Otto Maria Carpeaux e Heráclio Sales sobre o livro "O Nihilista Machado de Assis."

tualidade brasileira a compreender e interpretar com justeza o célebre escritor e descobrisse as falhas reais de *O Nilista Machado de Assis*. O autor do livro ficar-lhe-ia grato por essa contribuição.

Infelizmente, o artigo do Sr. Magalhães Júnior publicado no "Correio da Manhã" de 17 de maio de 1958, não contribui em nada para essa análise profunda, nem para essa compreensão e interpretação justas, nem para o descobrimento dos defeitos reais do livro.

Com efeito. O Sr. Magalhães Júnior, nesse artigo, tem falhas capitais. Não discutiu as idéias centrais, nem os problemas fundamentais focalizados no livro. Abstraiu-se da espinha dorsal da vida, da obra e da época de Machado de Assis. Perdeu-se entre os arbustos e as plantinhas. Recorreu aos ataques pessoais — acusou-me de "ignorância", "má fé", etc., quando, pelo contrário, escrevi o livro com boa fé, amor à literatura e depois de vastos estudos. Borboleteou através de umas tantas páginas. Leu-as de um modo apressado. Perdeu-se em miudezas. Afirmou que o livro não tem índice, quando, pelo contrário, existe todo um índice que se estende através de quatro páginas compactas. Travou uma batalha em tórno de uma questão secundária — saber se Machado de Assis admirava ou não o bispo D. Vital, quando as próprias citações feitas no artigo provam essa admiração, embora com certas restrições. Acentuou que não tenho "cultura histórica" porque ignoro que Maximiliano entrou na cidade do México a 12 de junho de 1864. Sustentou que não tive o cuidado de verificar a data da edição das *Crisálidas* de Machado de Assis e, apiedado da minha "ignorância", ensinou-me que foi em 1864. Entretanto, poderia ter lido tal data à página 26 do livro. Quantas bagatelas! É isto "crítica literária?"

O autor do artigo afirma que, no tempo de Machado de Assis, não existiam "homens do trabalho", por isto êle só poderia pintar parasitas. Não existiam, então, homens do trabalho? E os operários que compunham e imprimiam os livros e os artigos de Machado de Assis? E os negros escravos que lutavam heróicamente contra o sistema social escravista? E os que construíam cidades? E os que trabalhavam nos enge-

nhos e fazendas, plantando a cana-de-açúcar ou o café? Que eram?

O autor do mesmo artigo afirma que Machado de Assis foi um “temperamento por excelência antiimperialista”. Dêste modo, o escritor brasileiro passa a ser um precursor dos patriotas, nacionalistas e nacional-libertadores atuais. É a mais incrível idealização!

Segundo o autor do artigo, critico Machado de Assis porque não adotou as idéias marxistas. Pelo contrário! O livro, à página 41, critica o célebre escritor por não ter sido um intelectual progressista, como o foram os seus grandes contemporâneos brasileiros — Castro Alves, Tavares Bastos, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Euclides da Cunha. O livro acentua à mesma página:

“Não criticamos Machado de Assis de um ponto de vista estritamente político, partidário, ou estritamente “moral”. Não exigimos que êle fôsse um revolucionário proletário, como o foram Marx e Engels desde 1848.” No artigo em questão, o autor vê “sectarismo” onde, na realidade, existem a fidelidade aos princípios e a luta ideológica e literária em nome dêsses princípios. Traça limites para a doutrina de Marx. Considera que o método marxista é “extraliterário”. Demonstra, assim, que não estudou o marxismo.

A doutrina de Marx, pela própria natureza, não tem limites. É a mais alta e a mais profunda, a mais vasta e a mais complexa revolução em todos os domínios da Ciência e da Filosofia, da História e da Sociologia, da Arte e da Literatura, em todos os ramos do pensamento e do conhecimento e, especialmente, na ação social das imensas massas populares.

O autor do artigo descobre “contradições” que não existem. Não vê que elogio Castro Alves por ter sido um grande poeta social e Tobias Barreto como pensador avançado, e não por terem feito versos à guerra do Paraguai. Não vê que elogio Balzac por ter sido um grande realista crítico, e não porque tenha falado sôbre a vida dos parasitas.

CONCLUSÃO. — Os altos interesses e as imensas tarefas da literatura brasileira exigem imperiosamente que o Sr. Ma-

galhães Júnior realize a obra que ainda não realizou — faça uma profunda análise crítica da vida, da obra e da época de Machado de Assis, auxilie a intelectualidade brasileira a compreender e interpretar com justeza o célebre escritor, não se perca em miudezas, nem se derrame em panegíricos e apolo-géticas!

ANÁLISE CRÍTICA DE UMA CRÍTICA

O Sr. Otto Maria Carpeaux publicou um longo artigo sobre o livro *O Nilista Machado de Assis*, no "Correio da Manhã" de 28 de junho de 1958.

Nesse artigo, o crítico levanta certas questões preliminares. Acentua que o autor de *Canais e Lagoas* inspira respeito. Reprova as injustas perseguições que o mesmo autor vem suportando há mais de 40 anos. Reclama para êle o direito elementar de expor as próprias idéias. Recomenda que "a crítica proceda com a maior boa-vontade" em relação a um escritor semelhante.

Seria de esperar que o longo artigo do Sr. Otto Maria Carpeaux fôsse um documento sério, que contribuísse para o desenvolvimento vitorioso da crítica e da literatura brasileiras.

Infelizmente, deu-se o contrário. É o que vamos provar com seriedade e serenidade.

Com efeito. O longo artigo do Sr. Otto Maria Carpeaux tem falhas capitais. Não faz uma análise séria do livro *O Nilista Machado de Assis*, nem da vida, da obra e da época do célebre escritor. Não aprofunda as idéias, nem os problemas levantados no livro. Cata minuciosamente adjetivos e, no entanto, passa borboleteando por sobre as questões centrais. Perde-se em panegíricos e apologéticas. Compara, de fato, Machado de Assis a Goethe, Cervantes, Shakespeare. Perde, assim, o senso das proporções. Perde, também, o necessário espírito crítico independente, que não repete jamais chavões, lugares-comuns, mesmo que sejam entronizados e considerados "definitivos". Discute o "estilo" do livro e passa

de leve sôbre o principal — o conteúdo. Afirma que o conteúdo é “a face exterior da forma”. Portanto, confunde o conteúdo com a forma. Perde-se, pois, num desvio no sentido do formalismo.

Além de tudo isto, o autor do artigo cai em contradições vulgares. Recomenda que “a crítica proceda com a maior boavontade” em relação ao autor de *Canais e Lagoas* e, no entanto, nega tudo ao livro *O Niilista Machado de Assis*. Portanto, faz uma crítica niilista, negativista, que nada constrói nem educa. Acentua que inspiro respeito e, no entanto, faz chalaças, chocarrices completamente descabidas em tórno de questões tão sérias.

Tais são algumas das falhas capitais do longo artigo do Sr. Ottô Maria Carpeaux.

O autor do artigo não se limita a fazer uma crítica niilista ao livro mencionado. Vai mais além, como um discípulo de Machado de Assis. Defende, de fato, embora com ironia e ambigüidade, o niilismo em face da Pátria, da mulher e da natureza brasileiras. Provêmo-lo.

O Sr. Otto Maria Carpeaux considera que o autor do livro *O Niilista Machado de Assis* “não sabe distinguir entre a ficção e a realidade” e “vive, êle próprio, num mundo de ficção”. Quais são essas “ficções”?

1.^a) A “ficção” da Pátria:

O *Niilista Machado de Assis*, às páginas 96-98, exalta a Pátria — “a comunidade da terra, da história, da economia, das lutas, tradições, idiomas, cultura e psíquica”. Procura mostrar a grandeza moral e espiritual da nossa Pátria, seu povo de bravos, sua história de epopéias, suas tradições progressistas, seus mártires e heróis, poetas e pensadores, artistas e cientistas. É isto ficção? Jamais!

Parece que o crítico, preocupado com a Europa e os Estados Unidos, não é muito forte nos domínios da História do Brasil...

O *Niilista Machado de Assis*, às páginas 34-37, nega categoricamente que a mulher brasileira seja formada pelas Virgílias e Capitus — as “heroínas” de Machado de Assis.

As Virgílias e Capitus são rebotalhos de sociedades apodrecidas, em decomposição, como a sociedade escravista do século XIX no Brasil.

O livro, às páginas 34-37, acentua o papel imenso da mulher na sociedade e a luta das grandes heroínas brasileiras — Anita Garibaldi e as mulheres progressistas da nossa época. Denuncia a exploração e a opressão que sofrem as operárias e as camponesas, as índias e as negras, e as mulheres da chamada “classe média”. É isto ficção? Jamais!

Parece que o crítico não conhece muito bem a história e a situação da mulher no Brasil...

3.^a A “ficção” da natureza brasileira:

O *Niilista Machado de Assis*, às páginas 128-132, procura provar a imensa utilidade social da natureza brasileira. Preconiza seu conhecimento profundo como base do edifício do conhecimento e também como ponto de partida para o desenvolvimento da economia nacional, o aproveitamento das nossas riquezas naturais, a verdadeira industrialização do Brasil. É isto ficção? Jamais!

Parece que o crítico nunca se preocupou seriamente com o estudo das ciências naturais — base do edifício da Filosofia e de todo o conhecimento.

Por conseguinte, não há dúvida sobre o niilismo do Sr. Otto Maria Carpeaux, não só no terreno da crítica, mas também em face da Pátria (niilismo nacional), da mulher e da natureza brasileiras.

Segundo o autor do longo artigo, o livro *O Niilista Machado de Assis* critica o célebre escritor porque não escreveu poesias à Castro Alves, e sim romances à própria maneira. Nada disto é real!

Machado de Assis não poderia escrever poesias à Castro Alves, por várias razões. Exigir isto seria cair no idealismo filosófico, ou no mais grosseiro *mecanicismo*.

Pelo contrário! O livro em questão acentua toda uma série de lados positivos reais da vida e da obra de Machado de Assis, não somente às páginas 13-17, mas também às pá-

ginas 68-70 e outras — o que o autor do artigo mencionado não notou. Procura aproveitar os tipos dos romances de Machado de Assis para fazer a análise econômica e sociológica da época do 2.º reinado no Brasil — e isto é mais um lado positivo real do célebre escritor. Ao mesmo tempo, critica-o por outras razões, muito diversas. Quais? Vejamo-las.

Machado de Assis não foi um intelectual *progressista*, no terreno *específico* da sua arte, no seu próprio domínio — romances, poesias, etc. Rompeu, assim, a tradição progressista dos seus grandes contemporâneos brasileiros — Castro Alves, Tavares Bastos, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Euclides da Cunha. Não foi patriota, nem humanista. Não foi sequer um nacionalista elementar. Não contribuiu para impulsionar a luta social e nacional do seu tempo. Defendeu velhas idéias caducas. Pregou “a voluptuosidade do Nada”. Afundou no mais horrível ceticismo, pessimismo e niilismo. Refletiu forças sociais em decadência. Descreveu uma sociedade *históricamente* morta já no século XIX — a sociedade escravista, etc. Tais são algumas das falhas de Machado de Assis, assinaladas no livro mencionado.

O crítico nada disto refutou.

Não sou o único a fazer críticas e restrições a Machado de Assis. Intelectuais progressistas como Sílvio Romero atacaram-no.

Augusto Meyer caracteriza o velho Machado como um verdadeiro “monstro cerebral”, Afrânio Coutinho na obra *A filosofia de Machado de Assis*, apesar de sua admiração, reconhece nesse escritor “a falta de fé na humanidade, o ódio radical da vida” — pág. 22. E faz observações ainda mais graves contra êle, às páginas 51 e 142-143 da mesma obra. Dona Lúcia Miguel Pereira assinala “a monotonia da obra de Machado de Assis” — pág. 241 da 5.ª edição de seu livro. Peregrino Júnior faz ressaltar que os assuntos favoritos do escritor sempre foram a atração secreta da morte, a inutilidade de tudo e de todos. Eugênio Gomes, em *Espelho contra espelho*, diz: “o pensamento de Machado de Assis exprime uma de-

cepção da vida mais desenganadora que a do próprio Swift” — pág. 33.

Esses e outros intelectuais brasileiros, se aprofundarem as críticas e restrições a Machado de Assis e levarem-nas até as últimas conseqüências, irão muito longe...

O Sr. Otto Maria Carpeaux sustenta que estou em desacôrdo com o “realismo machadiano” e desejo que o escritor “embelezasse” a sociedade escravista do século XIX no Brasil com “virtudes” que não teve.

Pelo contrário! O livro em questão acentua à pág. 15, *como um dos lados positivos reais* da obra de Machado de Assis: “O escritor apresenta certos elementos do realismo crítico, portanto progressista. Mostrou, em sua obra, aspectos negativos da velha sociedade do tempo da monarquia escravista”. “Contribuiu objetivamente para desmascará-la” etc.

Portanto, o crítico não vê as cousas como realmente são na realidade!

O autor do artigo afirma que “os homens do ambiente de Machado de Assis não trabalhavam”. E os operários que compunham e imprimiam os livros e os artigos do próprio escritor? E os negros escravos?

Na sociedade do século XIX no Brasil, existiam dois grandes grupos sociais. De um lado, os operários, os negros escravos, os camponeses “livres” que iam surgindo. De outro lado, os senhores de escravos, os grandes burgueses negreiros como o banqueiro Santos e o cunhado de Brás Cubas, os burocratas totalmente inúteis como o Conselheiro Aires, os parasitas inveterados à Brás Cubas e Rubião. Portanto, entre os homens que cercavam Machado de Assis, uns eram trabalhadores e outros parasitas.

O crítico, porém, só vê um aspecto. Não vê, pois, a realidade!

O autor do artigo acusa-me de “adepto do determinismo econômico, do marxismo vulgar.”

Pelo contrário! Defendemos exatamente o ponto de vista oposto. Com efeito. No determinismo econômico, a economia é a única força do desenvolvimento social. Para nós, a eco-

nomia não é a única força do desenvolvimento social. Portanto, a diferença é fundamental!

O economia é a força motriz principal, decisiva, determinante do desenvolvimento social. A base econômica, o modo de produção dos bens materiais, determina a superestrutura política e social, moral e religiosa, jurídica e ideológica. Por sua vez, a política e as instituições, as idéias e as teorias representam um papel imenso, embora não determinante. Exercem influência sobre o próprio desenvolvimento da economia. O problema é, pois, complexo. Não é nada simplista.

O *Niilista Machado de Assis* toma como ponto de partida determinante os fatores econômicos. E procura analisar os fatores políticos e sociais, morais e intelectuais que contribuíram para a formação e o desenvolvimento do célebre escritor. Portanto, esse livro nada tem de comum com o determinismo econômico.

O crítico descobre determinismo econômico onde não existe. Parece que nunca estudou a sério a doutrina de Marx...

O autor do artigo atira Marx contra mim e deixa subentendido que sou "hostil à literatura."

Pelo contrário! O livro *O Niilista Machado de Assis* fala carinhosamente sobre os grandes literatos brasileiros e estrangeiros: Alencar e Gonçalves Dias, Castro Alves e Euclides da Cunha, Camões e Cervantes, Goethe e Shakespeare. Em 1914, iniciei a atividade literária publicando um estudo, no "Jornal do Recife", sobre aspectos da história de Pernambuco. São, pois, 44 anos de esforços em prol da literatura, da sociologia, da publicística etc. Como posso, então, ser "hostil à literatura?"

Mais uma vez, o crítico não vê as cousas como realmente são na realidade!

Para nós, intelectuais progressistas, a Ciência e a Filosofia, a Arte e a Literatura, a História e a Sociologia — a serviço da Pátria e da Humanidade — são como o sangue, a vida, a paixão ardente e arrebatadora!

CONCLUSÃO — O desenvolvimento vitorioso do Brasil exige imperiosamente o surgimento da crítica mais profunda, construtiva e educadora, que sinta repugnância pelo carreirismo e o oportunismo, procure servir à verdade, penetre na essência dos problemas, discuta a fundo as idéias em todos os terrenos — na Ciência e na Filosofia, na Arte e na Literatura, na História e na Sociologia. É uma tarefa premente, decisiva, determinante!

O desenvolvimento vitorioso da nossa Pátria e o progresso da literatura brasileira exigem que o Sr. Otto Maria Carpeaux e os outros críticos realizem certas tarefas e tomem outras atitudes. Façam a análise crítica mais profunda da vida, da obra e da época de Machado de Assis e das outras personalidades da história e da literatura brasileiras. Abandonem os panegíricos e apologéticas. Renunciem ao niilismo, especialmente em relação à crítica, à literatura, à Pátria, à mulher e à natureza brasileiras. Aprofundem as idéias e os problemas focalizados. Penetrem na essência das questões. Não fiquem a borboletear por sobre os assuntos. Não confundam a verdadeira cultura com a erudição livresca. Tenham coragem e firmeza, energia e decisão. Não transijam diante dos interesses e conveniências, como não transigiram Marx, Espinoza e Giordano Bruno!

A CRÍTICA NIILISTA

O Brasil precisa de homens da mais alta e mais profunda cultura. As tarefas grandiosas da literatura brasileira exigem imperiosamente que a crítica seja elevada ao mais alto nível, tanto no conteúdo como na forma.

Criar é difícilimo. Fazer uma crítica vulgar é fácilimo. Mas a verdadeira crítica é extremamente difícil.

A verdadeira crítica literária e artística tem um caráter positivo, construtor e educador. Analisa o conteúdo e a forma. Investiga em que grau, em que medida, a obra reflete a vida, a luta e a realidade — em perene movimento, desenvolvimento e transformação. Descobre o que existe de novo e progressista

na obra abalizada. Golpeia, nela tudo quanto fôr velho, retrógrado, regressivo. Contrapõe afirmações às necessárias negações.

Sou vítima de injustiças clamorosas. Carrego tôda uma vida cheia de perseguições por idéias. Há perto de 40 anos, tive de exilar-me de Alagoas para escapar à morte, e nunca mais pude voltar à terra natal. Tive de afrontar mais de 15 anos de exílio na Europa. Acabado de suportar uma vida de proscrito dentro da própria Pátria, durante 10 longos anos. Sempre protestei com veemência e indignação contra essas injustiças!

O livro *O Nihilista Machado de Assis* foi pensado e escrito por um homem caçado e acochado, sem pouso certo, num desconforto atroz — físico, moral e intelectual. Mas, em contraste, é um desafio à adversidade e transborda de amor à Pátria e à Humanidade, à vida e à natureza, à ciência e à literatura.

Mal apareceu, o livro passou a ser violentamente atacado por certos críticos. Mas os homens do Nordeste estão acostumados a enfrentar as fúrias desencadeadas!

Que querem, afinal, êsses críticos? Panegíricos e apolo-géticas? Não os terão jamais!

O Sr. Heráclio Sales, no "Mundo Ilustrado", publicou um artigo contra *O Nihilista Machado de Assis*. Respondo-lhe com a devida serenidade.

Nesse artigo, o autor tem falhas capitais. Nega-me tudo como escritor. Faz uma crítica nihilista, negativista — portanto, errônea. Tenta reduzir a nada o esforço alheio. Nada tem de comum com a verdadeira crítica — positiva, construtora e educadora. Não contribui absolutamente em nada para a análise, a compreensão e a interpretação da vida, da obra e da época de Machado de Assis. Perde-se em panegíricos e apologéticas não somente ao célebre escritor, mas também a seus críticos e biógrafos. Dá gratuitamente o diploma de "definitivos" a estudos machadianos que não podem aspirar a ser definitivos, por simples motivos elementares. Esquece que a verdadeira ciência é perene elaboração e renovação.

Esquece, também, que “definitivos” só existem os velhos dogmas...

O autor do artigo não discute as idéias centrais de *O Niilista Machado de Assis*. Não mostra os defeitos reais do livro. Abstrai-se do fato de que o mesmo livro acentua tôda uma série de lados positivos da vida e da obra do escritor analisado. Afirma — sem nada provar. Esquece, assim, que a verdadeira ciência tem de demonstrar e deduzir tudo, e não pode limitar-se, de modo algum, a afirmações vazias, citações “eruditas” e definições escolásticas. Lança frases pomposas e grandiloquas, mas totalmente vazias!

Tais são algumas das falhas capitais. Além destas, o artigo em questão tem muitas outras. É agressivo e ofensivo. Torna impossíveis as relações fraternais entre os intelectuais. Não tem objetividade nem serenidade. Fala num tom de sobranceira. Tem um fundo personalista. Recorre aos ataques pessoais. Acusa-me de “puerilidade”. Diz que sou um falhado como “teórico marxista”. Acentua que o livro lhe provoca “viva repulsa” e tem afirmações “grotescas”. Etc.

No fim do artigo, não sabendo mais que alegar, acusa-me de ter “uma questão pessoal com Machado de Assis”. Incrível! Na realidade, Machado de Assis faleceu no Rio de Janeiro em 1908. Nesse tempo, no Nordeste, tão distante, o autor desta resposta era uma criança com 12 anos de idade...

É tudo isto “crítica literária”? Jamais!

Nesse artigo, o autor faz afirmações dogmáticas. Segundo êle, *O Niilista Machado de Assis* é “mal inspirado e mal realizado”. “Decepciona pela ausência absoluta de método e seriedade filosófica”. Etc.

Onde estão as provas de tudo isto? O autor do artigo dispensa-se de apresentá-las. Em tais condições, só restam essas frases vazias, e nada mais!

O autor do artigo acusa-me de “pouco informado dos estudos machadianos”. Pelo contrário! O livro cita uma série de machadianos: Augusto Meyer, Lúcia Miguel Pereira, Peregrino Júnior, Magalhães Júnior. Poderia citar dezenas de outros. Mas o autor não faz questão de erudição livresca.

Tenho 46 anos de luta: a partir de 1912, pelo progresso e a libertação espiritual do povo, contra o atraso e o obscurantismo; a partir de 1917, em defesa do movimento operário e popular; a partir de 1922, dentro do movimento comunista e progressista. Traduza Marx em 1923. Estudei Lênin no original. Durante mais de 15 anos, estudei e vivi na realidade viva a experiência da revolução socialista. E só agora, depois de tantos anos, é que me aparece um “professor” de marxismo...

O autor do artigo, num tom de sobrançeria, afirma dogmáticamente que falhei como “teórico marxista” e não apliquei o “método materialista”. Como sempre, dispensa-se de apresentar as provas reais.

Na realidade, nunca me declarei “teórico do marxismo”. Sempre acentuei ser um simples estudante do marxismo, e nada mais.

O autor do artigo trava a batalha à força de citações. Ainda pior — faz citações independentemente das condições reais. Portanto, não compreende o abc do marxismo.

Se compreendesse algo da teoria, tentaria realizar a tarefa essencial: fazer uma análise concreta da questão concreta — a vida, a obra e a época de Machado de Assis. Em vez disto, atira citações de Engels. Pura escolástica!

Nas citações, Engels assinala que não é adversário da literatura de tendência. Diz que, no romance, a tendência deve ressaltar da situação e da ação, sem que seja explicitamente formulada. Engels fala, pois, sobre problemas relativos aos romances. Que tem isto a ver com um livro de análise crítica? Nada!

É um fato que Machado de Assis, nos romances, fez o contrário do que Engels preconizava. Nêles, a tendência — cética, pessimista, niilista — é claramente formulada. Dêste modo, a citação de Engels volta-se contra o próprio Heráclio Sales.

O autor do artigo cita uma filha de Marx, segundo o qual o pai era muito indulgente com os pecados políticos de Heine. Se, realmente, a filha interpretou com a máxima fidelidade o

pensamento do pai, a indulgência de Marx é compreensível. Por quê? Porque as notáveis qualidades de Heine superam muito seus defeitos. Heine foi um grande intelectual progressista. Declarou guerra à Alemanha feudal. Atacou as tiranias dominantes. Defendeu a liberdade e a democracia. Isto é acentuado à página 39 de *O Niilista Machado de Assis*.

Entretanto, Marx não teve a mesma "indulgência" para com outros. O poeta Freiligrath desertou do movimento progressista da época. Marx desmascarou-o duramente. E sua repulsa por Chateaubriand?

Marx admirava muito a obra de Goethe. Exaltou-o em várias ocasiões. No entanto, fêz-lhe restrições. Engels, de acôrdo com Marx, na crítica a um trabalho de Karl Grün, acentua de um lado a grandeza de Goethe, de outro lado, suas debilidades. Marx e Engels nunca escreveram panegíricos e apologéticas. O autor do artigo confunde Marx com Heráclio Sales!

CONCLUSÃO. Todos êsses fatos e argumentos provam que o Sr. Heráclio Sales fêz uma crítica niilista, negativista — portanto, errônea. Provam que êle não estudou a sério o marxismo. Limitou-se a borboletear através de umas tantas brochurinhas mal traduzidas.

As tarefas grandiosas da literatura brasileira exigem imperiosamente que o Sr. Heráclio Sales e os outros críticos semelhantes, tomem outro rumo. Realizem a mais profunda análise concreta da questão concreta — a vida, a obra e a época de Machado de Assis. Não afundem no niilismo. Não fiquem a borboletear sôbre os livros. Não catem miudezas. Não se desmanchem em "amabilidades" aos amigos. Não escrevam panegíricos e apologéticas. Mantenham o mais severo e independente espírito crítico. Discutam a fundo as idéias. Aprofundem os problemas. Façam uma crítica de princípios, nobre e elevada, construtora e educadora. Saibam aliar o conteúdo ideológico mais rico à mais bela forma!